



Cláudio Slaviero*

VALMIR MERCANTIL

01 JUN 2005

Economia - Brasil

Os erros passados e os vícios atuais

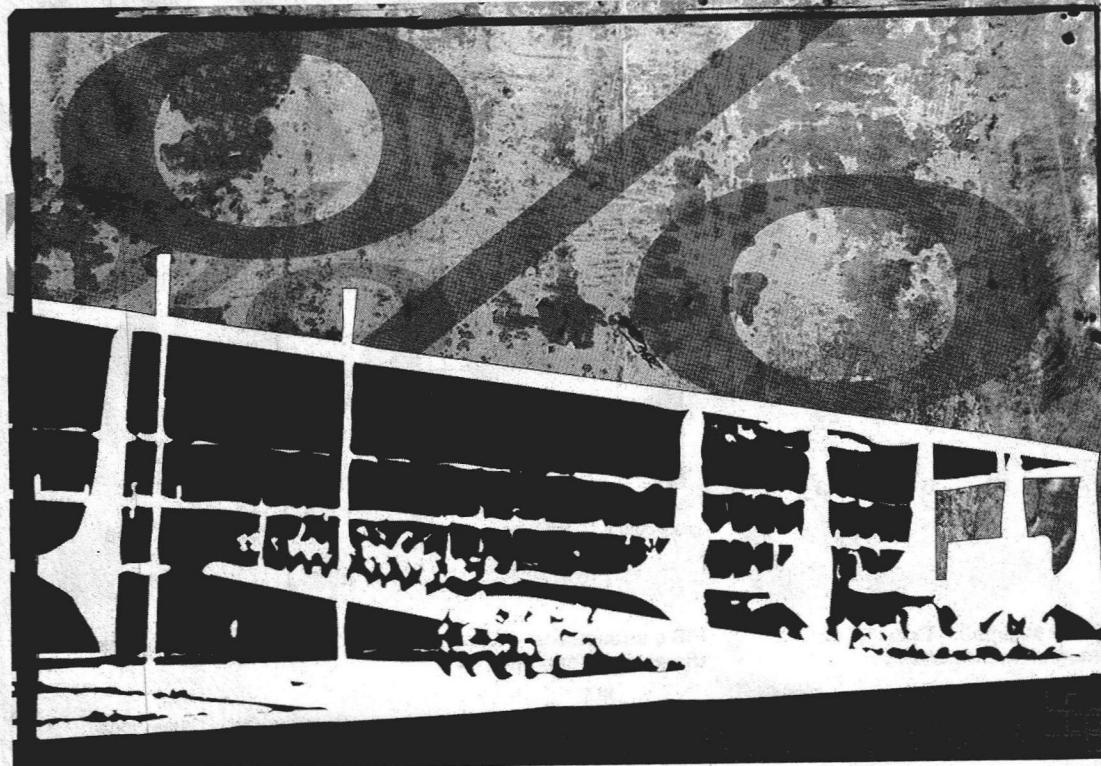
O principal obstáculo ao crescimento da economia é a situação fiscal

Nos últimos dias de abril o presidente Lula criticou, em termos jocosos, que chegaram a ser desrespeitosos, o que chamou de comodismo do brasileiro diante dos juros. O presidente mostrou desconhecer a realidade, especialmente dos brasileiros mais carentes e da maioria esmagadora, 99%, das empresas deste país, as micro e pequenas, que, com esforço ímpar, ao lado das empresas de maior porte, movimentam a economia. Seria cômico se não fosse trágico.

O comodismo, na verdade, é uma praga que assola o Palácio do Planalto, e não costume do brasileiro, quase sempre dependente do sistema financeiro para sua sobrevivência. Lula deveria deixar sua poltrona no Palácio antes de culpar como se fosse uma desculpa.

O governo se esquece de números que nos envergonham perante a comunidade mundial, como lembra o empresário Antônio Ermírio de Moraes: enquanto no Brasil a carga tributária bate recordes históricos, crescendo de 35,54% do PIB em 2003 para 36,56% do PIB em 2004, na Bolívia a carga é de 13% do PIB; na Argentina, 15%; na Venezuela, 16%; no México, 18%; no Japão, 20%; e no Chile, 22%. Essa vergonhosa marca provoca recessão, escassez de renda, diminuição de vendas no comércio, desemprego, desestímulo aos investimentos, além de outros subprodutos da pobreza, que são resultado das doenças políticas monetária e fiscal exigidas para se conseguir um superávit primário superior a 4% do PIB para pagar as contas do governo. Paralelamente, o Brasil transforma-se no campeão mundial de juros reais, com 13,3%, à frente da Turquia, a segunda colocada, com 7%, e séculos à frente dos países emergentes, que chegam a 2%.

Isso enquanto defensores do governo chamam de oportunis-



tas e demagogos os empresários que, em todo o País, protestam contra essa verdadeira "derrama", que cobra da sociedade brasileira praticamente o dobro que era cobrado por Portugal da então colônia. É um peso bastante assustador para as empresas, especialmente as voltadas para o mercado interno.

Não bastasse, a vergonhosa carga tributária representa um rombo inclusive para os cofres públicos, que perdem contribuições importantes escorridas pela peneira da informalidade. Mesmo assim, a fome tributária pode ser demonstrada em números: a arrecadação de impostos e tributos somou R\$ 27,9 bilhões em março, com um crescimento real (descontada a inflação) de 6,43% na comparação com o mesmo mês de 2004. É a maior arrecadação para o mês já registrado pela Receita Federal. E fico questão de registrar: sou absolutamente contra a sonegação e a favor da eficácia arrecadadora, desde que justa e com resultados aplicados em favor da so-

ciedade, com investimentos em infra-estrutura, saúde, educação, habitação, etc. Uma pesquisa conjuntural, feita com 990 empresas pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) em abril, mostra que o principal obstáculo ao crescimento da economia é a situação fiscal. As despesas do setor público precisam diminuir de forma perene para que a carga tributária também seja reduzida, permitindo espaço para o aumento do potencial de crescimento sustentado.

Há uma série de conquistas, algumas inquestionáveis, do governo federal. Há um pequeno crescimento na economia, embora insignificante diante do crescimento em países emergentes. Mas ao mesmo tempo há a mania da culpa atribuída a governos passados por erros que estariam comprometendo a administração petista. Não temos cores partidárias e sabemos, como todos, que a espiral tributária vem se avolumando há 15 anos. Mas Lula foi eleito para "consertar o País", como

apregoou em sua colorida e festiva campanha eleitoral e não para perpetuar erros, se existiram, como já se tornou um vício na atual administração.

O movimento empresarial, sério e responsável e não oportunista e demagogo, como propagaram defensores do Palácio do Planalto, não vai recuar. Funcionam, inclusive por iniciativa de entidades empresariais paulistas, o "gastômetro", para a sociedade saber exatamente quanto e como o nosso dinheiro é gasto, e o "impostômetro", atualizado diariamente como instrumento de vigilância, uma espécie de contador de impostos. Os recordes de carga tributária, como poucas vezes em nossa história, uniram trabalhadores, empresários e profissionais num mesmo pensamento de resistência. Seremos perseverantes, pois sabemos que, se desistirmos de nosso projeto, estaremos desistindo de nossa cidadania.

* Presidente da Associação Comercial do Paraná.